

Introdução

Hannah Arendt e Martin Heidegger conheceram-se em 1924, no ano em que Arendt, uma judia alemã de dezoito anos, se inscreveu na Universidade de Marburgo e assistiu às aulas de Filosofia de Heidegger. A sua relação — uma palavra inadequada para transmitir a profundidade do vínculo que os unia — duraria meio século. O que começou como um romance apaixonado sofreria ao longo dos anos várias transformações. Dizer que se tornou numa amizade é dizer de mais e de menos, ainda que Arendt e Heidegger talvez subscrevessem a definição. Arendt capturou a impossibilidade de classificar as suas emoções quando confessou a Heidegger, numa nota não enviada, que ele era o homem «a quem permaneci fiel e infiel, sempre com amor»¹. Nesta altura, ela tinha cinquenta e quatro anos, ele passava dos setenta.

A relação pode ser dividida de maneira aproximada em três fases: de 1925 a cerca de 1930, enquanto os dois eram amantes; dos primeiros anos da década de trinta (Heidegger filiou-se no Partido Nazi em 1933) até 1950, quando as vidas de ambos mudaram radicalmente com a subida ao poder do nacional-socialismo e a II Guerra Mundial; e de 1950 a 1975, quando reataram por iniciativa de Arendt a sua antiga relação — ou antes, criaram uma nova — que durou até à morte de Hannah Arendt.

Ao longo da relação, cada um procurou no outro diferentes coisas, de acordo com as diferenças das suas vidas, necessidades e temperamentos. Arendt, adolescente, precisava de amor, protecção e orientação. Quando tinha sete anos, o pai morrera de sífilis, e pouco antes perdera também o avô paterno, a quem estava muito ligada. A mãe, objecto de veneração, viajava amiúde, ia a banhos ou visitar a família, e cada ausência transtornava a criança, que receava que a mãe não voltasse. Martha Arendt casou pela segunda vez quando a filha tinha treze anos. O casamento devastou a vida de Hannah: tinha agora de partilhar a mãe não só com um homem que continuaria a ser-lhe estranho, mas também com duas meias-irmãs mais velhas que detestava mas que a mãe acarinhava. Desde a infância que o mundo era para Hannah um lugar desconcertante, em grande medida graças à sua origem judaica, que anos a fio seria um enigma e motivo de confusão. Sentia-se perdida, desamparada, desprotegida, e no entanto mostrava-se sempre corajosa. «Esta compulsão idiota», escreveu ela ao marido, Heinrich Blücher, em 1945, «interiorizada desde a juventude, para estar constantemente a representar um papel aos olhos do mundo [...] e para fingir que tudo está bem, é ela que consome grande parte da minha energia»². Arendt em adulta, a académica eminente, parecia sem dúvida segura de si, até mesmo imperiosa, aos olhos do mundo. Mas nunca se daria a ver assim a Heidegger.

A estudante calouira encontrou em Heidegger um amante, um amigo, um professor e protector. Ele prometeu amá-la para sempre, ajudá-la e guiá-la. Deixando-se levar pelas sedutoras declarações de Heidegger, Arendt baixou a guarda como nunca antes fizera: numa peça confessional escrita em 1925, a que deu o título *As Sombras (Die Schatten)*, descreve ao amante os terrores da sua infância e adolescência, a sua insegurança e vulnerabilidade.

Quando se conheceram, Heidegger, trinta e cinco anos, casado e pai de dois filhos pequenos, estava a terminar o manus-

critico de *Ser e Tempo* (*Sein und Zeit*, 1927), um livro que o elevou à categoria dos mais ilustres filósofos do século xx. Da leitura da correspondência, torna-se claro que ele se apaixonou pela sua jovem aluna logo nos primeiros encontros na sala de aulas. E embora a paixão tenha abrandado com o passar do tempo, o mesmo não aconteceu com a necessidade de ser idolatrado por ela. Até ter conhecido Hannah, Heidegger — um homem severo, rígido e trabalhador, filho de um casal de camponeses católicos e devotos — parece ter sabido pouco acerca da paixão genuína, de uma união física e espiritual. É manifesto, nas cartas de Heidegger a Arendt, que ela lhe ensinou a amar ardentemente sem sentir esse amor como um pecado. Ele precisava dela para conseguir respirar fundo, encher o peito de ar e sentir o gozo de estar vivo; precisava dela, nas suas próprias palavras, enquanto «força estimulante» na sua vida.

Apesar dos obstáculos — sendo os mais sérios a família de Heidegger e a sua posição na universidade —, os anseios de cada um foram sendo satisfeitos ao longo da primeira fase da relação. A necessidade que sentiam um do outro nunca desapareceu por inteiro, mas os dezassete anos que se seguiram mudaram tão profundamente o mundo como mudaram os dois amantes.

Em Agosto de 1933, quatro meses depois da nomeação de Heidegger como reitor da Universidade Albert Ludwig de Friburgo, da sua filiação no Partido Nazi e do famigerado Discurso de Posse, onde manifestou o seu apoio e se identificou com a ideologia do partido, Hannah Arendt abandonou a Alemanha. Arendt, é certo, tinha já ponderado a possibilidade do exílio e fora até temporariamente detida pela polícia de Berlim, mas aquela declaração pública de lealdade a Adolf Hitler destruiu todas as ilusões que ainda alimentasse sobre Heidegger e pode bem ter precipitado a sua decisão. Dora-vante ela acusaria os intelectuais alemães, Heidegger incluído, de apoiarem Hitler, de traírem a cultura ocidental, de agirem cega e cobardemente.

Para Arendt, criada em Königsberg numa família social-democrata totalmente assimilada, a «questão judaica» resumia-se aos nomes que os garotos da rua ou da escola chamavam ou ao ocasional comentário anti-semita de um professor*. De acordo com as instruções da mãe, ela tinha apenas de se defender das outras crianças — a mãe lidaria com os professores. Numa carta de 1952 ao seu mentor Karl Jaspers, Arendt diz que, em virtude do ambiente em que fora educada, tinha sido uma rapariga «simplesmente ingénu», para quem a questão judaica era «uma chatice», até que aos vinte anos se tornou uma questão política³. Os seus interesses académicos talvez sirvam de indicador da mudança: em 1928, quando completou a sua tese de doutoramento sobre Santo Agostinho, começou a investigação para uma biografia de Rahel Varnhagen, um livro publicado pela primeira vez em Londres, em 1958, com o título *Rahel Varnhagen: The Life of a Jewess* [*Rahel Varnhagen: A Vida de uma Mulher Judia*]. Rahel Varnhagen, Rahel Lewin em solteira, 1771-1833, era famosa pelo seu salão intelectual, mas o que mais interessava Arendt eram as indignidades e humilhações que esta mulher sofrera enquanto judia alemã. A investigação para este livro conduziu-a à sua preocupação com as causas do anti-semitismo, com a história dos judeus alemães e com o seu próprio lugar nela.

Assim, enquanto Heidegger, na sua qualidade de reitor da Universidade de Friburgo (de Abril de 1933 a Abril de 1934), apoiava a causa do nacional-socialismo, Arendt, no exílio, concluía a biografia e trabalhava para a Youth Alijah, uma organização que treinava jovens judeus para o trabalho agrícola na Palestina. Coligia ainda material para o que viria a ser

* Numa entrevista de 1964, Arendt diz: «Em criança não sabia que era judia [...]. A palavra “judeu” nunca era mencionada em minha casa quando eu era criança. Ainda durante a infância, mas agora um pouco mais velha, eu sabia que parecia judia, ou seja, que parecia diferente de todos os outros.» Adelbert Reif, ed., *Gespräche mit Hannah Arendt* (Munique: Piper, 1976), pp. 15-16.

As Origens do Totalitarismo, um livro em grande parte dedicado a explorar a história do anti-semitismo.

Heidegger encontrara na sua esposa Elfride, zelosa nazi desde a década de 20, alguém que partilhava as suas opiniões. Em 1936, Arendt travaria conhecimento com um ex-comunista alemão no exílio, Heinrich Blücher, que veio a ser o seu segundo marido, a sua alma gémea e porto de abrigo. (O casamento em 1929 com Günther Stern chegou oficialmente ao fim em 1937.)

Quando Arendt se voltou a cruzar com Heidegger em 1950 (nesta altura, ainda não se sabia publicamente até que ponto ele colaborara com o regime nazi), o filósofo precisava dela por motivos inteiramente diferentes. O saneamento da universidade, a batalha ao longo de cinco anos para limpar o seu nome e o malogro das suas esperanças de «rejuvenescer» a Alemanha e de a salvar do ataque da tecnologia, da decadência e do comunismo tinham feito de Heidegger um homem amargo e desiludido mas não arrependido. Acolheu novamente Arendt na sua vida com genuína alegria. Mas o horror dela perante o seu alegado anti-semitismo e actividades pró-nazis não era um bom ponto de partida para o reencontro. Ela, não obstante, compareceu e escutou-o, e ele facilmente a convenceu de que as acusações não passavam de difamação. Arendt foi tomada por uma grande felicidade. A decisão de voltar para o seu amigo e mentor, o homem que ainda amava, embora de maneira diferente de antigamente, era a decisão certa. Perder a oportunidade de dar novo alento à continuidade dos laços que os uniam seria um erro imperdoável, escreveu-lhe ela mais tarde.

Heidegger precisava do perdão dela, que o absolveria da acusação de anti-semitismo e lhe restituiria a confiança na validade dos seus princípios morais. Hannah Arendt seria a sua embaixadora de boa-vontade no mundo, em particular junto de Karl Jaspers, no passado um amigo próximo de Heidegger e agora amigo de Arendt. Ela defendê-lo-ia contra o